

O PASSO DE ESTEFÂNIA: ENTRE O DEPOIMENTO E A FICÇÃO

Nelly Novaes Coelho
Universidade de São Paulo

"Sei da inutilidade de levá-la ao meu mundo. O compasso, o passo que eu tento dar além de mim e da primeira investida para o avanço, grossas tenazes aprisionam-me. Os papéis, aglutinados nos arquivos, sustentam um mundo atumbido e isolado..."

Apesar dessa desalentada certeza da "inutilidade" de suas palavras, para explicar o "passo" que tenta dar para além de si mesma e para além do "mundo sucumbido" (que só parece ter importância para a burocracia dos arquivos e formulários), Núbia Marques (ou Estefânia?) fala, escreve, registra, denuncia... E dessa fala/escrita, gerada na carne, surge o **O passo de Estefânia**, romance que, por múltiplos fatores, inscreve-se entre os melhores publicados entre nós, nestes últimos anos.

Obra madura, que revela bem o longo percurso criador em que, desde 1959, se vem empenhando sua autora, a poeta e ficcionista sergipana, Núbia Marques, **O passo de Estefânia** oferece-se ao leitor como um campo de confluência de forças poderosas e discordantes, que a invenção literária transforma em um todo fascinante/cruel. O livro abre com uma advertência da autora:

"Não fiz um livro para agrandar ou agredir, mas para testemunho de uma época tão cruel para todos nós. E como este livro é depoimento e protesto dedico-o aos meus companheiros inquietos e indagativos que buscam melhor caminho para o homem aflito deste século."

Essa intenção de testemunho/protesto e a natureza dos fatos denunciados, facilmente, teriam gerado uma obra de eloquência panfletária, não fosse o alto e seguro domínio da arte literária, já conquistada pela escritora.

Enunciado em ritmo lento e num tom quase em surdina, rompido aqui e ali por um gesto de revolta ou dor, **O passo de Estefânia** resulta do difícil equilíbrio mantido entre uma **escrita documental** (= a que se quer registro direto de uma experiên-

cia vivida na carne) e a **escrita ficcional** (= a que transfigura a experiência individual e precária, projetando-a em um nível coletivo/universal, onde ela adquire a perenidade e a ressonância de um símbolo).

A trama romanesca de **O passo de Estefânia** resulta das experiências frustradoras de um assistente social, no Nordeste (mas que poderia ser em qualquer ponto do país...), defrontando-se, de um lado, com uma população desvalida e sofridora, visceralmente carente de tudo; e de outro, com a burocracia emperrada e desumana das Instituições Sociais.

"O homem corpo inteiro que se encontra nas ruas não tem nem o sentido, nem a feição de sua existência. Ao receber o protocolo de entrada, transforma-se num fragmento de gente atirada de um para outro lado ao sabor das mãos invisíveis de burocratas e técnicos." (p. 2)

Pelo registro desse drama diário, é posta a nu a engrenagem "kafkiana" manipulada por um Poder inconsciente ou incapaz, que joga para os técnicos (= mediadores entre Poder e povo) ou para o próprio povo a responsabilidade de soluções que não dependem deles. Um Poder que mascara sua ineficácia ou má-fé, com a parafernália burocrática que cria a ilusão de uma atuação eficaz, mas que, em essência, sacraliza a ineficiência e se alimenta da "rotatividade da miséria", através de uma ação maquiavélica que "escorrega de sala em sala, de protocolos a pareceres", e se reduz a "burocráticas caminhadas para que nada se modifique".

"Eu devia ter muito mais poder do que tenho. Não estou para catar migalhas, nem fazer política social. Não leio o boletim para a ciência dos fatos, nem para as verdades mistificadas. Meu pouco poder, meu nada que sou, com todas as inutilidades à procura do exato desempenho do trabalho. Os papéis amontoados na minha escrivaninha estão definhados, requerimentos, protocolos, relatórios..." (p. 14)

O "passo" de Estefânia é dado no sentido de despertar a consciência dos desvalidos e injustiçados para defenderem os seus direitos espoliados pelas autoridades.

"Devo conscientizar a todos dos males do sistema. Não se é apenas um corpo ou um sexo, mas gente. Quem pode fazer do homem sua essência sendo a consciência? Me recuso a dose indigesta de que o pecado do homem está em ser dono do seu destino." (p. 27)

Esse "passo", entretanto, foi dado em um momento escuro de nossa história em curso, o da sombria repressão pós-64, e a intenção humanitária que inspirara sua autora foi, simplis-

tamente, rotulada de "subversiva". É assim que Estefânia, subitamente, vê o seu árduo trabalho social transformado em documento incriminatório que a entrega, sem possibilidades de defesa, à violenta experiência da repressão.

O romance se constrói pela montagem ou inter-relação desses dois planos: o da **vida profissional**, incompreendida pelos familiares e esmagada pela enormidade dos problemas insolúveis, e o da **brutalidade da repressão**, que procurou silenciar a consciência que se fazia voz. Entre esses dois planos, faz-se ouvir em surdina a mulher, o simples ser humano, com suas fraquezas e grandezas...

Já por essa consciência, que se quer **voz testemunhal**, o romance de Núbia Marques se identifica com uma das tendências mais significativas da ficção (e da poesia) brasileira, hoje: a que, diretamente tocada pela consciência do momento político-cultural em curso, revela um escritor que, de repente, descobre a impossibilidade de se assumir como testemunha ou como mediador de nossa realidade-em-processo, enquanto permanecer fora dela. Isto é, enquanto não atolar no seu **dentro** ou não for atingido fundo e diretamente por ela, para que sua palavra nasça dessa experiência-limite.

Experiência real ou não. Note-se que sua **veracidade pessoal** não importa à Literatura, mas sim sua **autenticidade existencial**. Autenticidade de criação, naquele sentido que Fernando Pessoa definiu através de um paradoxo:

"O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente." (Autopsicografia)

É dentro dessa ordem de invenção literária onde, intencionalmente, o "sentir" e o "fingir" se confundem, que aproximamos, como galhos do mesmo tronco, escrituras tão díspares como este **O passo de Estefânia**; **O tribunal** e **O defunto** de Álvaro Alves de Faria; **As armas e os barões** de Flávio Moreira da Costa; **O animal dos motéis** de Márcia Denser ou os **Morangos mofados** de Calo Fernando Abreu... (títulos que são apenas diminutos "índices" de uma linha de criação literária, não necessariamente política, que nos parece das mais ricas em nossos dias...)

O fato de **O passo de Estefânia** arraigar em uma declarada experiência real, não pesa em nada para a sua valorização literária. O que pesa é a "transfiguração" conseguida: é a transformação de um possível real em escritura quase poética; é

o talento com que a autora, em seu corpo-a-corpo com as palavras, conseguiu transpor para elas o dinamismo que vem do fundo do ser, impregnando-as das forças que impulsionam um organismo vivo. Daí lhe vem a força de sua denúncia...

O passo de Estefânia é um romance "vivo", cuja significação mais funda ultrapassa a vivência individual da personagem-narradora:

"Sei da inutilidade de levá-los ao meu mundo. Meus caminhos, o mar, a indivisível solidão, a falta de palavras que não ativam em nenhum momento. Tudo me leva a crer que o melhor rumo não é nem o intacto, nem aquele que se tenta marcar com a planta dos pés escaldantes." (p. 7 — grifos nossos)

Já nessas palavras iniciais e de maneira metafórica, Estefânia aponta para a possível solução do drama (ou da problemática) que o leitor irá conhecer de página para página, obrigado a juntar os fragmentos para compor o todo (tal como em um quebra-cabeças, do qual não se tivesse o modelo). Só numa releitura chega-se a perceber a dura experiência, vivida pela narradora, desperta-a para um novo e necessário rumo, ainda informe e mal definido, mas decididamente diferente dos que estão sendo trilhados. Isto é, um caminho que não seja o da alienação ou omissão (= o caminho "intacto"), nem o do engajamento individual (= o dos "pés escaldantes"). O terceiro, embora ainda não definido, pode ser pressentido nas entrelinhas ou nos interstícios do fluxo narrativo.

Impossibilidade de agir, impotente para a ação, Estefânia (ou Núbia Marques?) assume a palavra. Opta pela invenção literária. Assume o risco "político" de dizer "eu", em face da História e de registrar essa História de maneira única, porque pessoal. Estefânia conta-se, devassa-se na sua realidade e no seu imaginário; e, através desse dizer-se, faz com que sua experiência individual se transforme em metáfora de um movimento mais amplo, o de todo o corpo social consciente. E mostra (sem dizê-lo claramente) que o desequilíbrio político-econômico-social, denunciado através de sua experiência, não é de natureza conjuntural; mas resultante de uma crise estrutural. Não se trata, pois, de apenas se conseguirem mais verbas ou se ampliarem os projetos de assistência social, mas sim de se alterarem as estruturas básicas do Sistema da nação. (E aqui estará, sem dúvida, a solução utópica com que todos sonhamos...)

Diante da enormidade apocalíptica do problema, Estefânia, por vezes, acede à realidade concreta que a rodeia e por mais trônica que pareça, é a expressão da verdade,

"Capacitar o homem de quê? Torná-lo capaz de suportar a fome?"

.../ Vamos ensinar a população a conviver com a fome. Um passo de atleta, um vôo de bruxa, um remendo no ar. O equilíbrio do trapézista. O passo do samba, a cachaa boa pinga, o rebolado da mulata, o sindicalista desarmado, a mentira robustecida, a velocidade da lua, a besteira do cotidiano, o arrebando de mil almas pastorando os fantasmas reinadores. Nas ruas o esconderijo dos assaltos. Vamos incentivar nas populações de baixa renda o gosto pela televisão, em cores, é bem melhor." (p. 87/82)

E aí estão postas a nu as coordenadas absurdas da Sociedade de Consumo que nos dirige.

Há ainda uma peculiaridade estilística que reforça a identificação individual/social, em O passo de Estefânia. Trata-se da natureza de suas personagens. Atente-se que não é o recorte psicológico de cada uma (a começar pelo eu-que-narra, Estefânia) o que mais nos interessa conhecer. Não é também o "destino" de fracassadas a que estariam todas condenadas. O que predomina, como atração máxima, para o leitor, é a sugestão ou a denúncia de forças que, subterraneamente, movem todos os atos, gestos ou decisões. Dito de outro modo: o drama instaurado em O passo de Estefânia, ou o seu fulcro dramático, não se coloca em termos de determinação interna das personagens (= forças psicológicas), mas basicamente em termos de determinação externa, as mais variadas forças do poder que, oculta ou abertamente, compõem a engrenagem político-social e determinam sua evolução orgânica; sem que os indivíduos que formam o seu corpo sejam realmente levados em conta, como seres humanos que são.

Nesse sentido, vemos que o romance de Núbia, mais do que definir individualidades ou massas coletivas, detecta as funções por elas desempenhadas na engrenagem social. "Funções" ou "posições" (individuais ou de grupos) que se articulam ou são determinadas pelas forças do Poder em todos os níveis da Sociedade. E mesmo que o julgamento desse Poder não seja expresso abertamente, não fica nenhuma dúvida no espírito do leitor, de que ele está diante de um Poder "espúrio". Note-se que o autoritarismo arbitrário e despótico é a força onipresente no mundo de Estefânia. Seja no mundo aberto e conhecido do espaço social institucionalizado (= como, no caso, a "engrenagem" da Assistência Social), seja no mundo fechado e oculto que cresce nas sombras e no silêncio mantido pela violência (= a prisão, para onde Estefânia foi levada), é sempre a força arbitrária que comanda. No primeiro espaço, o arbitrário e a violência se mascaram sob os "trâmites burocráticos"; no segundo espaço, se desenvolvem como tentáculos

cruéis e assassinos, protegidos não só pelas portas fechadas e grossas paredes, mas principalmente pela certeza da impunidade.

É nesse "espaço" de violentação que, finalmente, eclodem com ferocidade os preconceitos que há milênios pesam sobre a mulher. Com uma lucidez dolorosa, Núbia vai disseminando ao longo da fragmentada narrativa, mil e um "índices" ou registros abertos da incompreensão abissal que cerca a mulher que busca sua verdadeira identidade, "por caminhos nunca dantes palmilhados".

Entre seus muitos valores, **O passo de Estefânia** tem o de ser um espelho fiel da situação da mulher, neste difícil período de metamorfose que a "condição feminina" está sofrendo. Almagando o hoje e o ontem, numa só obstinada, apaixonada ou desesperada vivência, Estefânia vai compondo o mosaico de sua vida. Entre perplexidades e anseios, ela mostra os preconceitos, incompreensões ou indiferenças que se erguem contra a luta da mulher, no encaço de sua nova imagem ou de um novo "lugar ao sol", dentro das estruturas político-sociais. E mostra, como único horizonte dessa luta, a solidão, a falência dos atos, a frustração interior. A incompreensão começa dentro do próprio lar, com a família:

"Minha mãe olhava os meus livros espalhados em baixo da rede onde sempre os colocava para ler até as primeiras horas da madrugada. Minha mãe balançava a cabeça desenganada. Sentia-se atraçada. "Minha filha, puta não tem jeito, delinqüente nenhum, não uma corja de bandidos. Uns degenerados". /.../ "Mãe, você não entende." "Não entende o quê?" Não devo levar ninguém aos meus rumos." (p. 10)

A luta para ser compreendida ou respeitada prossegue no trabalho; e se aprofunda no relacionamento amoroso. Doridamente lúcida, Estefânia torna claro que o **jogo machista** do Amor tem raízes muito fundas, raízes que, além de alimentadas pelo simples "machismo" assumido pelo homem, se fortalecem com a **adesão profunda da mulher**. Difícil isolarmos um fragmento suficientemente expressivo desse fenômeno, tal como o estilo labirintico de Núbia o detectou. Entretanto tentamos alguns, justapostos:

"Minha vida com Ricardo tem todo um tom neutro. /.../ Ouço-o entre perpétua e indagativa. Entre um medo enorme de perdê-lo que já é fatal em mim. Seu desleixo, sua ausência quase me diz que nada temos a ver um com o outro. /.../ Tudo programado em sardina, no discreto pé ante pé para que os circunstantes não percebam o saque do sexo que só pode ser público e notório aos homens. Mulheres transmitem no silêncio muito pouco convidativo de alcovas ins-

titucionais. Crime é sexo espontâneo e fora dos limites do lar. Ricardo não me assina. /.../ Sou frágil réptil diante da grandeza da vida. Não consigo perceber fundamento o porquê de minha submissão. /.../ Minha fraqueza vai além do meu pequeno corpo. Quantas mulheres me fizeram de carne e fraquezas, eu morro séculos atrás. Quero avançar um passo em frente. Ricardo me segura no ar. /.../ Desmaio num poço que me divide séculos atrás e milhares de anos à frente." (p. 60)

Dividida, sempre dividida e sempre só, é este o viver de Estefânia, esplêndida metáfora da nova-mulher-em-gestação. Mas é no espaço-da-repressão que o preconceito contra a mulher explode com uma espécie de ódio milenar. Conduzida à prisão (sem nenhuma prova concreta de sua "subversão", mas por simples interpretações de seu apoio aos desvalidos), Estefânia ali entra como um ser igual a qualquer um apanhado, por acaso, nas malhas da lei.

"Tudo me parece solto, sem sentido. A bestificação toma conta de tudo. Pessoas que nada têm a ver comigo de repente são donas de mim. /.../ A caminhada é difícil, porque qualquer valor que lhe tenham colocado no rumo de sua vida aqui se desgoverna. A dignidade humana, a mais badalada falação da sociedade burguesa, o valor dos valores, agoniza pisoteada no porão asombroso desta marmorra. O passo, a voz, a boca, a verdade desmoronam-se em cada pedra deste prédio construído com tenazes e forquilhas, para esmagar os homens que o habitam. Ninguém sabe que sentido tem minha vida, mas direcionam meus passos." (p. 89)

Ao entrar, Estefânia é apenas um ser humano igual aos companheiros que estão ao seu lado. Mas depois a **diferença** aparece... Num crescendo dramático, pela intensificação do estilo enxuto, tenso ou martelante que singulariza a narrativa de sua personagem, Núbia faz explodir a violência-símbolo do "machismo": o **estupro**. O alto grau de emotividade e contensão dramática, atingida pela escritora na denúncia da brutalidade que desaba sobre a prisioneira, representa um dos grandes momentos do romance e, também, daqueles que perduram para sempre na memória do leitor.

No Prefácio que apresenta o romance, Heloneida Studart aponta especialmente para essa discriminação com que Estefânia é tratada. E pela justeza de sua síntese, parece-nos importante reproduzi-la aqui. Diz ela:

"...é como mulher que a presa é torturada, é através de seu sexo que a vilipendiam; os insultos de seus algozes têm sempre a direção do seu ventre; "puta, vagabunda, rasteira". Não por acaso, à torturada ocorrem nesses momentos, os conceitos mentirosos da educação de todas nós: "em mulher não se toca nem com uma flor"; "o pudor é o adorno da mulher"; "mentira não fica nua na frente dos outros"

... Estefânia é violentada não apenas porque discorda das práticas do regime, mas para saber que lugar de mulher é na cama e na cozinha. *Sair daí* é uma espécie de tentativa de revolução particular a ser punida com o estupro coletivo." (p. 6)

Assumindo-se como **mulher**, como **cidadã** e, acima de tudo, como **escritora** (= uma das vias mais fecundas deste processo-de-evolução-em-marcha em que fomos lançados, neste século), Núbia Marques propõe, através de Estefânia, uma linguagem **alternativa** à linguagem da **dominação**, uma linguagem crítica, situada em face da realidade brasileira e da humana em geral, e que, filtrada pela invenção poética, abre um corte profundo na experiência cotidiana vivida, hoje, por todos nós, mas particularmente pela Mulher e "minorias" discriminadas.

Apesar, porém, da atmosfera de desalento e frustração que impregna tudo, sente-se em todo o fluxo narrativo/vital a impregnação de um ideal que permanece,...

"Nem a minha luta de todas as horas garante a felicidade de ser compreendida pelos que me cercam. Não estou chamando ninguém para meus rumos, nem me atrevera, mas que culpa tenho de ainda acreditar no destino do homem? A humanidade passa tão compacta que mais parece um imenso bolo de vísceras. Sons de clarins rodizam a atmosfera. Buzinas e apitos. Emaranhado de pernas e braços, como em campo de concentração." (p. 8)

E nesse emaranhado, há uma consciência desperta que tenta encontrar um caminho mais largo para todos. Ponto alto no panorama da ficção brasileira contemporânea. **O passo de Estefânia** é dos romances que nasceram para ficar, como testemunhos de uma época e "índice" da evolução de uma literatura que cresce...